

As origens da nossa mentalidade

112

Esboço histórico da formação do nosso caráter

Sigfredo Marques Soares

O idealismo patriótico dos moços já acordou o Brasil do seu sono secular. Mas, temos muito que realizar; muito que construir; algo que aperfeiçoar. No entanto, torna-nos necessário conhecer as origens de nosso caráter e de nossa mentalidade.

É angustioso dizermos que o estrangeiro, domiciliado em nossa terra, produz mais que nós em todas as atividades de ordem material e técnica, embora não esteja aclimatado ao nosso rigor tropical, e que a nossa capacidade de ação é ainda muito inferior à dos europeus e yankees.

Há motivos fundamentais nessa diferença de poder produtivo. No entanto, não nos faltam elementos positivos para emprendermos a instrução do maior Estado democrático que deverá ser o Brasil.

O nosso povo, formado da fusão de três etnias diferentes em todos os seus caracteres físicos e psicológicos: origem política e religiosa, costumes, língua, raça; despidas desse espírito evolutivo, tão característicos em outras, não conseguiu ainda alcançar uma civilização superior.

A diferença do grau de progresso entre o Brasil e outros países da mesma idade e condições naturais, é grande. Mas, estou certo que esse desequilíbrio desaparecerá, quando não nos faltarem educação, orientação, política uniforme e democrata, e a instrução e a proficiência forem esclarecidas por todos os rincões do Brasil.

O português, o índio e o negro como elemento racial

Os primeiros europeus que contribuíram para formação do povo brasileiro não vinham ao Brasil edificar uma nova pátria como aconteceu com outras gentes colonizadoras, vinham em busca de aventuras e riquezas.

O português, o nosso primeiro colonizador, colonizador é paradoxo, porque o lusitano de então, não vinha colonizar: como agricultor, comerciante ou industrial; os seus trabalhos dessa ordem eram acidentais, meio e não fins. Não vinham trazer ao nosso índio a sua civilização. Apenas, os jesuítas, ministravam estes alguma instrução e conhecimentos profissionais.

O fim desses aventureiros era minerar, ficar rico, conquistar um título nobre e voltar para Portugal. Foi essa mentalidade egoísta, sem finalidades, que iniciou a formação da alma de nossa raça.

No tempo das capitânicas hereditárias, apenas notam-se dois espíritos progressistas: Martim Afonso de Sousa, em S. Paulo e Duarte Coelho Pereira, em Pernambuco.

Quando não eram aventureiros, eram degredados que se aportavam em nossas terras, continuando aqui, a práti-

ca paulista industrial e comerciante é um tipo recente); o mineiro garimpeiro, minerador, político; o nordestino perseverante, resignado, imaginativo, poeta e escritor e tipos bastante acentuados como o jagunço dos sertões nordestinos da Baía, do Ceará, nômade e bandoleiro por necessidade, fugindo da seca da desolação, o jeca ou capiau de Minas e S. Paulo, tão humorista e espirituoso, contente de sua situação que vive contemplando os seus céus, e as suas serras azues.

No período colonial

Nos tempos coloniais nada se fez para uniformizar a personalidade do espírito nacional ou para orientar a coletividade o caminho a seguir na senda do progresso e das atividades agrícolas, industriais, comerciais, políticas e sociais. Foi um período de lutas suscitadas pelo ódio, pela ambição. Foi um período de guerrilhas entre índios e portugueses, entre mamelucos e invasores, entre negros e brancos. Apresentar essas lutas como argamassadora do espírito nacional é um erro.

Os índios e os mamelucos aliavam-se aos portugueses, contra outros europeus, apenas, por mercenarismo. Basta citar a aliança com franceses no Rio de Janeiro e com espanhóis ao Sul. Os negros combatiam obrigados porque eram escravos. O aborígene trocava os seus serviços de guerra por armas, ferreamentos, quinquilharias, etc. As populações do Norte combateram os holandeses estimulados pelos padres, que temiam a invasão do protestantismo, devido à denegação da liberdade religiosa imposta pelos sucessores de Nassau e não porque suas terras estavam sob o domínio batavo. Isso pouco lhes interessavam. Dominador, o português também o era e menos libil em suas administrações do que o holandês. Onde encontrar o nacionalismo que os historiadores teimam em afirmar?

Em Minas Gerais a Guerra dos Emboabas foi apenas uma explosão de ambição inspirada pela idéia de defesa das minas de ouro ameaçadas de serem tomadas pelos emboabas. A própria insurreição de 1720 em Vila Rica, chefiada por Felipe dos Santos e Paschoa da Silva Guimarães, não apresenta no seu espírito e motivos um movimento nacionalista.

A ausência dos meios de comunicação, a extensão territorial, a topografia do território brasileiro impediam a generalização da idéia da pátria comum. Apenas, existiam regionalismos influenciados pelas circunstancias locais.

Do ultimo quartel do século XVIII para cá, foi que, no Brasil, a idéia de pátria começou a surgir, pregada pelos primeiros brasileiros diplomados e instruídos nas escolas da Europa. A Conjuração Mineira de 1789, foi a primeira manifestação do sentimento nacional. E' glória da terra de Minas.

Em 1808 com a chegada de d. João

Quando não eram aventureiros, eram degradados que se aportavam em nossas terras, continuando aqui, a prática da desordem, do crime, com mais liberdade, porquanto, faltavam leis e autoridades para lhes reprimir a prática do delito. E nessa escola se introduzia o selvícola rude e simples, que se corrompia com facilidade.

O índio dotado de ativez e independência, acostumado á liberdade não se sujeitando ao autoritarismo e á escravidão impostas pelos lusitanos, se revoltava. Assim, estabelecendo uma desordem constante e um espirito de vingança, de ódio que influa no sub-étnico luso-indígena ou mameuco em formação.

Desanimado da perseguição do aborigene rebelde e ativo, o português resolveu atravessar o Atlantico e, nos seus bediondos navios negreiros, trazer o africano, para seu escravo. Submisso, dócil e afetivo, o negro veio contribuir com os seus valores étnicos positivos e negativos na formação da nacionalidade que se caldeava numa extensão de mais de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, sob a influência de várias latitudes e altitudes, formando de norte a sul, de leste a oeste, tipos diferentes em constituição física e psicológica.

Essa fusão recebeu do lusitano: o autoritarismo e a ousadia; do índio: a aguerridade, a lealdade, a independência; do negro: a inatividade, a docilidade e a superstição; formando mais tarde o gaúcho ativo, veloz, cavaleiro e cavalheiro, o paulista bandeirante e sertanista, desbravador dos sertões: o

Aspirados nas escolas da Europa. A Conjuração Mineira de 1789, foi a primeira manifestação do sentimento nacional. E' glória da terra de Minas.

Em 1808, com a chegada de d. João VI, a idéia da pátria começou a se corporificar. A noticia da chegada de el-rei levada embora lentamente, a todos os rincões do País, formou um espirito de respeito e obediência ao rei do Brasil. Estava estabelecido o reino e todos deviam obedecer ao rei. Todos pensavam em el-rei. Ainda são comuns e conhecidas de todos nós varias cantigas populares datadas de 1809, com estrofes mais ou menos: "O rei já chegou, vamos todos festejar..." "El-Rei vem nos visitar vamos todos cantar..." etc.

E, talvez, se não fóra essa idéia de rei, o Brasil estaria hoje dividido em varias nações, como aconteceu com a colônia espanhola da America, cuja origem histórica se assemelha grandemente á nossa formação nacional.

Outra explosão revolucionária interessante na história pátria é a revolução pernambucana de 1817. Não tem um caráter nacional, mas deixa-se entrever em seus motivos o espirito democrático da nacionalidade que se caldeava. Enquanto a Guerra dos Mascates mostra o sentimento liberal que mais tarde se espalhou por todo o Brasil.

Em 1822, o Brasil, de reino constituido passa a ser império e a idéia de imperador, como a de rei, intensificou mais ainda a nacionalidade brasileira.